

**A percepção do termo Faxinal pela comunidade escolar de  
Faxinal dos Rosas, Chapecó – SC**

**The perception of the term Faxinal by the school community of  
Faxinal dos Rosas, Chapecó - SC**

**La percepción del término Faxinal por la comunidad escolar de  
Faxinal dos Rosas, Chapecó - SC**

Maicon Telles Szczygel<sup>1</sup>  
Mirian Carbonera<sup>2</sup>  
Gisele Leite de Lima Primam<sup>3</sup>

**Resumo**

A palavra Faxinal é um termo permeado por diferentes significados, podendo representar tanto a vegetação como o modo de vida de uma comunidade. Considerando o caráter polissêmico do termo e o papel da escola na percepção ambiental e na construção da identidade cultural-socioambiental de cada sujeito, buscamos compreender qual a percepção da comunidade escolar sobre o termo Faxinal. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, através do método *Snowball*, junto a quinze indivíduos (cinco alunos, cinco pais/responsáveis e cinco professores) da comunidade escolar da EBM Alípio José da Rosa, no Município de Chapecó. As entrevistas foram transcritas e os dados categorizados e dispostos em forma de quadros e gráficos. Ao analisar os conceitos atribuídos pela comunidade ao termo Faxinal, foi possível agrupá-los em três categorias diferentes, sendo elas, formação vegetal, modo de vida e local de residência. A partir dessas categorias, constatou-se que os conhecimentos sobre o tema são provenientes do convívio em comunidade, resultado do resgate de memórias, trajetórias e identidades. Com isso, identificamos na escola o papel fundamental na formação de identidade dos estudantes, mas que, neste caso e sobre este tema, é a comunidade o grande espaço de construção do conhecimento, uma vez que a abordagem biorregional é pouco aplicada na prática docente.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências. Percepção Ambiental. Abordagem biorregional. Faxinais. Educação Básica.

**Abstract**

The word Faxinal is a term permeated by different meanings, and can represent both the vegetation and the way of life of a community. Considering the polysemic nature of the term and the role of the school in environmental perception and the construction of each subject's cultural and socio-environmental identity, we sought to understand the perception of the school community on the term Faxinal. The data was collected through semi-structured interviews, using the Snowball method, with fifteen individuals (five students, five parents/guardians and five teachers) from the school community of the EBM Alípio José da Rosa, in the municipality of Chapecó. The interviews were transcribed and the data categorized and arranged in the form of tables and graphs. By analyzing the concepts attributed by the community to the term Faxinal, it was possible to group them into three different categories: plant formation, way of life and place of residence. From these categories, it emerged that the knowledge on the subject comes from living in the community, as a result of recovering memories, trajectories and identities. As a result, we identified that school plays a fundamental role in shaping students' identities, but that, in this case and on this topic, it is the community that is the major space for building knowledge, since the bioregional approach is rarely applied in teaching practice.

**Keywords:** Science teaching. Environmental Perception. Bioregional approach. Faxinals. Basic education.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Ciências Ambientais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. E-mail: [szczygel@unochapeco.edu.br](mailto:szczygel@unochapeco.edu.br).

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Ciências Ambientais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. E-mail: [mirianc@unochapeco.edu.br](mailto:mirianc@unochapeco.edu.br).

<sup>3</sup> Docente no Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS - *Campus* Chapecó. E-mail: [glima@uffs.edu.br](mailto:glima@uffs.edu.br).

## Resumen

La palabra Faxinal es un término impregnado de diferentes significados, y puede representar tanto la vegetación como el modo de vida de una comunidad. Considerando el carácter polisémico del término y el papel de la escuela en la percepción ambiental y en la construcción de la identidad cultural y socioambiental de cada individuo, buscamos entender la percepción de la comunidad escolar sobre el término Faxinal. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas, utilizando el método Bola de Nieve, con quince individuos (cinco alumnos, cinco padres/tutores y cinco profesores) de la comunidad escolar de la EBM Alípio José da Rosa, en el municipio de Chapecó. Las entrevistas fueron transcritas y los datos categorizados y organizados en forma de tablas y gráficos. Al analizar los conceptos atribuidos por la comunidad al término Faxinal, fue posible agruparlos en tres categorías diferentes: formación vegetal, modo de vida y lugar de residencia. A partir de estas categorías, surgió que el conocimiento sobre el tema proviene de la vivencia en la comunidad, como resultado de la recuperación de memorias, trayectorias e identidades. Con esto, identificamos el papel fundamental de la escuela en la formación de las identidades de los alumnos, pero en este caso y sobre este tema, es la comunidad el gran espacio de construcción del conocimiento, ya que el enfoque biorregional es poco aplicado en la práctica docente.

**Palabras clave:** Enseñanza de las ciencias. Percepción Ambiental. Enfoque biorregional. Faxinales. Educación básica.

## 1 Introdução

O Ensino de Ciências, no Brasil, passou por diversas mudanças ao longo do tempo, sempre influenciadas pelas demandas políticas e sociais (Silva-Batista; Moraes, 2019). Atualmente, a área de Ciências da Natureza engloba o Ensino de Ciências que, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, “tem um compromisso com o desenvolvimento do letramento científico, que envolve a capacidade de compreender e interpretar o mundo [...] com base nos aportes teóricos e processuais das ciências” (Brasil, 2018, p. 321), a fim de instigar mudanças de hábitos que visem à conservação ambiental.

A Educação Ambiental foi instituída no currículo da educação básica em meados de 1999, é uma das temáticas contemporâneas transversais para a construção do pensamento e das práticas sustentáveis (Brasil, 1999, 2018) sendo ela, um campo bastante vasto, composto por inúmeras correntes de pensamento. Uma dessas correntes é o Biorregionalismo, que parte de uma premissa de senso de lugar, com vistas para a história natural e cultural dos indivíduos buscando a:

[...] formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conhecedores de suas relações com a natureza e o resgate dos aspectos tradicionais da região, como técnicas de cultivo, organização social, arte, formas de construção, materiais, alimentação, economia, saúde, e demais aspectos relacionais comunitários (Gonzalez, 2010, p. 3).

Sendo assim, ao pensarmos a Educação Ambiental sob um olhar biorregional, a tarefa básica é fazer com que os moradores conheçam, interpretem, valorizem e preservem o lugar onde vivem (Boff, 2015; Sato, 2005), permitindo que novas práticas sustentáveis possam emergir.

A partir dessas premissas, buscamos olhar para o termo Faxinal, explorando a relação e a percepção da comunidade escolar da Escola Básica Municipal (EBM) Alípio José da Rosa, situada no município de Chapecó, no oeste catarinense. Etimologicamente, o termo Faxinal vem do Tupi-Guarani e designa mato ralo ou campos de pastagem com arvoredo esguio (Yu Man, 1988; Basquera, 2007). No sentido florestal, de acordo com Klein (1978) o termo designa as Florestas Faxinais presentes no bioma Mata Atlântica. Essa vegetação encontra-se, principalmente, nas áreas de transição entre a Floresta Ombrófila Mista (FOM) e a Floresta Ombrófila Densa (FOD), sendo possível encontrá-la a Oeste do estado, em meio a FOM. No

estado de Santa Catarina, estão divididas em quatro fragmentos principais: Faxinal da Serra do Tabuleiro, Faxinal da Serra Geral, Faxinal dos Guedes e Faxinal de Campo Erê (Klein, 1978).

Em nível socioambiental, o termo designa o Sistema Faxinal, caracterizado como um regime de produção, de uso comunal e auto gestor das terras, baseado na agricultura e na produção extensiva de animais, as quais eram divididas de acordo com o seu uso, em terras de criar e terras de plantar (Yu Man, 1988). O Sistema Faxinal é característico do Centro Sul do Paraná e conta com uma série de pesquisas realizadas nas últimas décadas como, por exemplo, Barreto (2013), Yu Man (1988) e Gubert (1987). Porém, para o estado de Santa Catarina, embora existam relatos contundentes como os de Renk (2006b, p. 97) sobre a *roça cabocla*, não existem registros desse sistema. Conjectura-se que isso se deva ao intenso processo de colonização da região, levado a cabo a partir de 1918 (Silva; Brandt; Moretto, 2018) ou pela falta de pesquisas específicas que identifiquem a existência desse sistema na região (Salini, 2018).

Nessa perspectiva, uma importante ferramenta para análise dos significados atribuídos ao termo Faxinal é a percepção ambiental, que, por sua vez, também é desafiadora, pois é permeada de diferentes abordagens e significados. Utilizando essa ferramenta, pensamos nosso objeto de pesquisa, através dos relatos dos sujeitos analisados, procurando enxergar na relação homem-natureza, valores, identidades, interpretações e conhecimentos acumulados nos processos vitais “de criação cultural, do fazer histórico e das transformações sociais” (Dickmann, 2016, p. 15).

A comunidade de Faxinal dos Rosas tem sua fundação datada há mais de um século, mais precisamente em 1918. De lá para cá, a ação antrópica, sobretudo dos imigrantes europeus e seus descendentes, que desenvolveram a economia regional a partir de longos ciclos extrativistas, a exemplo dos ciclos da madeira e da erva-mate, foi causando inúmeras transformações tanto nos ecossistemas, como na cultura da população tradicional (Bavaresco, 2017). Os Faxinais característicos da vegetação da localidade e a forma de vida da população, com a criação dos animais à solta e cultivo das lavouras para subsistência, foram sendo descaracterizados (Chapecó, 1993a)<sup>4</sup>. É a partir dessa problemática e da falta de trabalhos que explorem a temática dos Faxinais em nossa região, que buscamos compreender a percepção da comunidade escolar da EBM Alípio José da Rosa sobre o termo Faxinal.

## 2 Procedimentos metodológicos

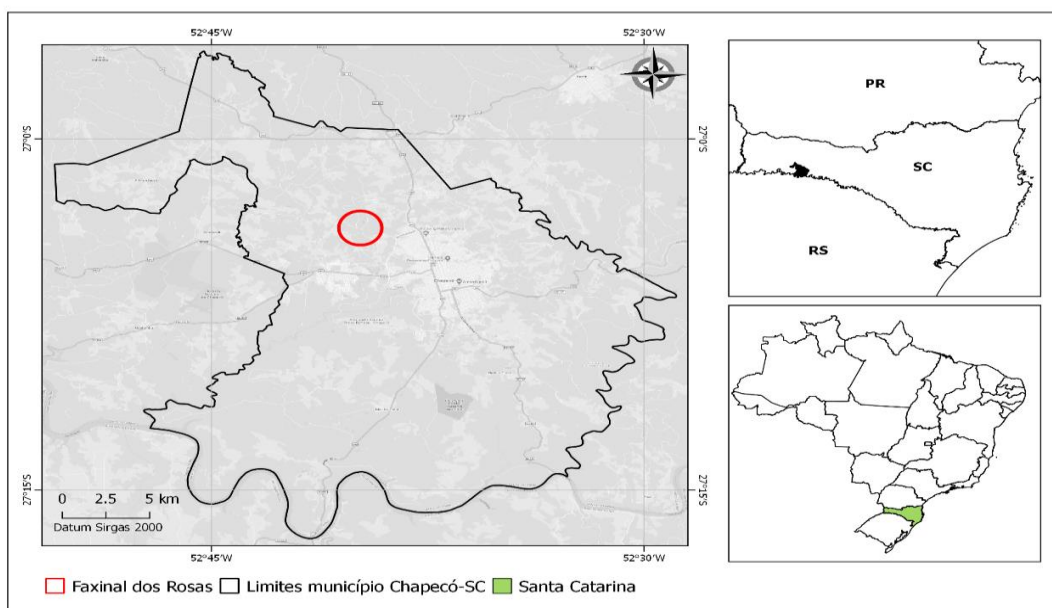
### 2.1 Local da pesquisa

O local de estudo desta pesquisa foi a comunidade de Faxinal dos Rosas, situada na zona rural do município de Chapecó, estado de Santa Catarina (Figura 1).

---

<sup>4</sup> Refere-se ao Arquivo *Documental* da Empresa Colonizadora Ernesto Bertaso, especificamente, ao Memorial descritivo de 1940. O tombamento da documentação foi regulamentado pelo decreto nº 3.202, de 9 de agosto de 1993b.

**Figura 1** - Localização da área de estudo, no caso a localidade de Faxinal dos Rosas, município de Chapecó.



**Fonte:** Bertonecello (2020).

A ocupação do território de Chapecó, de forma intensiva, teve início a partir de 1916, quando ocorreu o acordo de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Em 25 de agosto de 1917, foi criado o município de Chapecó que, até 1953, possuía uma extensão de mais de 14 mil km<sup>2</sup> e compreendia uma área aproximada desde o rio Irani até a fronteira com a Argentina. A partir desse momento, o Estado passou a estimular a atuação de companhias colonizadoras, para ocupação do espaço com europeus ou descendentes, esses últimos, vindos das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Os povos indígenas e os caboclos em geral foram deixados à margem desse processo, integrando-se de forma subalterna ao povoamento da região. De lá para cá, o município tornou-se um polo regional de desenvolvimento. Chapecó deu origem a dezenas de municípios e vivenciou um grande crescimento populacional, principalmente após a década de 1980, quando tinha aproximadamente 83 mil habitantes (IBGE, 1980), sendo que, atualmente, possui em torno de 224 mil habitantes (IBGE, 2022). Como polo regional, principalmente no setor agroindustrial, de serviços e de educação, a cidade de Chapecó atraiu e atrai milhares de pessoas que buscam uma vida melhor para si e suas famílias (Silva; Brandt; Moretto, 2018).

Segundo o IBGE (2011, p. 11) “um nome geográfico é o nome próprio [...] usado consistentemente na língua para se referir a um lugar, feição ou áreas específicas, tendo uma identidade reconhecível na superfície da Terra”. Dentro desse contexto, a escolha da escola EBM Alípio José da Rosa situada na localidade do Faxinal dos Rosa deu-se, em primeiro lugar, porque a mesma apresenta a toponímia *Faxinal* – que supostamente estaria vinculada à presença de fragmento de Floresta Faxinal (Chapecó, 1993a).

Outros fatores importantes, decisivos para a escolha do local de pesquisa, são: I) a comunidade figura como uma das mais antigas comunidades do município de Chapecó, tendo completado cem anos de fundação em 2018; II) os moradores da comunidade possuem profunda relação com os movimentos sociais e a preservação da memória e dos costumes e III) intensa relação da comunidade com a conservação ambiental, agroecologia e desenvolvimento sustentável, através do Grupo Pitanga Rosa, que alia a sabedoria tradicional aplicada ao cultivo e processamento de plantas medicinais (Ben; Rafael; Argenta, 2016).

## 2.2 População e amostra

A pesquisa foi desenvolvida junto à comunidade escolar da EBM Alípio José da Rosa, a qual integra a rede municipal de ensino de Chapecó, atendendo alunos desde a Educação Infantil até 9º ano do ensino fundamental.

Para fins metodológicos, consideramos integrantes da comunidade escolar “os segmentos que participam, de alguma maneira, do processo educativo desenvolvido em uma escola” (Teixeira, 2010, p.1), portanto, integraram na amostragem da comunidade escolar três segmentos principais sendo, os professores, os alunos e os pais e/ou responsáveis.

A amostra para levantamento de dados abordou alunos que frequentavam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Para essa escolha, partimos do pressuposto de que os alunos nesta faixa etária possuem maior vivência na comunidade e que seu contato com a cultura e relatos de pais e avós tenha sido mais longo e efetivo.

A fim de delimitar o tamanho da amostra, foram entrevistados uma quantia de alunos correspondente à 20% do total de alunos matriculados no 9º ano do ensino fundamental no mês de outubro de 2020 e um número proporcional a este para os demais segmentos da comunidade escolar, o que resultou em um total de quinze entrevistas, sendo cinco para cada segmento (alunos, professores e pais ou responsáveis).

A seleção dos entrevistados (Anexo 1)<sup>5</sup> deu-se por meio da técnica *Snowball* ou bola de neve, onde o primeiro entrevistado indica o segundo, que indica o terceiro, que indica o quarto e assim sucessivamente, até atingir o número de entrevistas estipuladas, observado o ponto de saturação entre as respostas (WHA, 1994). Os primeiros entrevistados do segmento alunos (AL) e pais e/ou responsáveis (PR) foram escolhidos de acordo com a proximidade da Unidade Escolar e na categoria professores (PS) a primeira entrevista foi realizada com a professora de Ciências.

Para seleção/indicação de alunos e pais e/ou responsáveis, foi estabelecido como critério imprescindível ter residência na comunidade de Faxinal dos Rosas, sendo que esse critério não foi aplicado aos professores, pois estes, em sua maioria, residem em outras localidades.

## 2.3 Critérios Éticos e Coleta de Dados

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) e, após recebida a aprovação junto ao CEP sob CAAE nº 36376220.0.0000.0116, as entrevistas foram realizadas. Todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (maiores de idade) ou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido voltado para pais e/ou responsáveis (menores de idade), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (menores de idade), e ainda um Termo para Uso de Voz, seguindo todas as normativas do CEP da instituição.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, dividida em um bloco comum a todos os participantes, com seis questões sobre o perfil, e outros três blocos específicos para professores, alunos e pais e/ou responsáveis, com dez questões cada. Em decorrência da pandemia de SARS-CoV-2 no ano de 2020, a maior parte das entrevistas aconteceu com o uso da plataforma de vídeo *Google Meet*, e as entrevistas realizadas de forma presencial em campo, obedeceram aos protocolos de distanciamento de 1,5 m e utilização de equipamentos de proteção individual apropriados. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas em caráter *ipsis litteris*.

Asseguramos aos participantes que nenhum dos entrevistados seria identificado de forma nominal, assim, a cada um deles foi atribuída uma identidade ID, composta pela letra

---

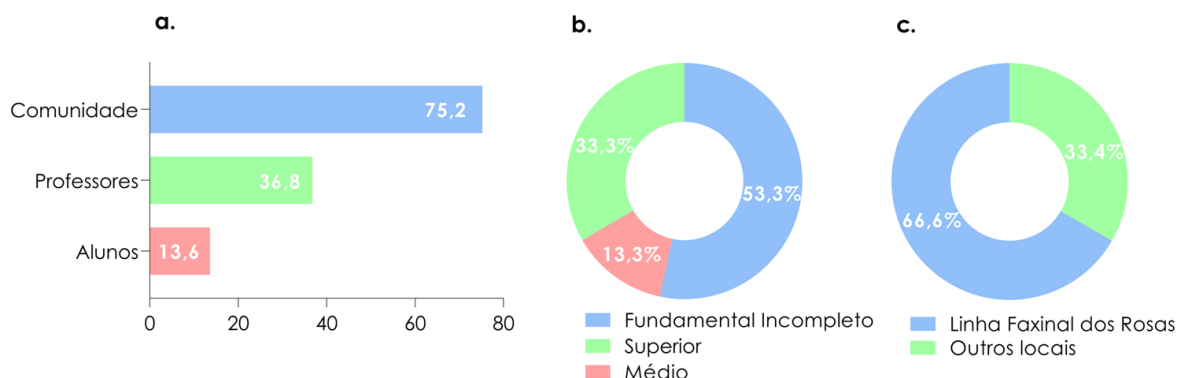
<sup>5</sup> O Anexo 1 traz os dados e datas das entrevistas que embasam este artigo.

AL, PR ou PS, que corresponde a categoria em que o entrevistado se enquadra, podendo ser aluno, pais e/ou responsáveis ou professor, seguida de um número de 1 a 5, conforme a ordem de realização das entrevistas. É importante ressaltar que uma ID é atribuída a mesma pessoa em todo o trabalho.

### 3 Resultados e discussão

Seguindo as questões elaboradas para a entrevista, os primeiros dados obtidos tiveram o objetivo de traçar um perfil dos participantes. Dentre os alunos, três frequentavam o 9º ano, um frequentava o 8º ano e um frequentava o 6º ano, com idades entre doze e quinze anos, totalizando uma média de 13,8 anos (Figura 2a). Na categoria de professores, participaram um docente de Ciências, um docente de Geografia – único docente efetivo na Unidade Escolar –, um docente de Educação Física, o qual se encontrava fora de sala de aula, atuando na função de coordenador pedagógico e dois docentes de História, sendo que um deles encontrava-se, na época, em processo de aposentadoria e outro admitido em caráter temporário, com idades entre 23 e 51 anos. A média de idade entre os docentes foi de 36,8 anos (Figura 2a). Na categoria pais e/ou responsáveis por alunos vinculados à Unidade Escolar participaram pessoas com idades entre 64 e 82 anos, onde apresentaram uma média de idade de 75,2 anos (Figura 2a). Sobre a escolaridade dos participantes, 53,3% (8) possuíam o Ensino Fundamental Incompleto, 13,3% (2) possuíam Ensino Médio Completo e apenas os professores, representando 33,3% (5) dos participantes possuíam Ensino Superior (Figura 2b). Tratando-se de local de residência, 66,6% (10) dos entrevistados declararam residência fixa na Comunidade desde o nascimento ou desde os primeiros anos de vida, enquanto 33,4% (5) residiam em outros locais do município de Chapecó (Figura 2c).

**Figura 2** - Perfil dos entrevistados: média de idade em cada categoria (a), escolaridade (b), local de residência (c).

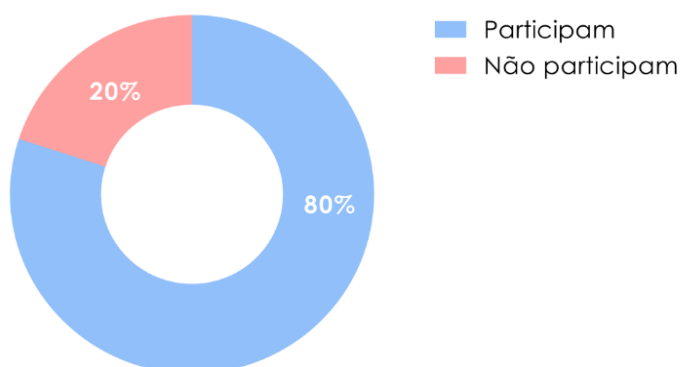


Fonte: Elaborada pelos autores, 2022.

Ao questionar sobre a vida em comunidade, estabelecemos como mensuráveis a participação em ritos religiosos na Igreja Católica e, também, festas e eventos beneficentes promovidos pela Associação Comunitária. Obtivemos as seguintes respostas (Figura 3):

**Figura 3** - Vida em comunidade: participação dos entrevistados em ritos religiosos, festas e/ou eventos promovidos pela Associação Comunitária.

**Participa ou já participou de festas e eventos promovidos pela comunidade?**



**Fonte:** Elaborada pelos autores, 2022.

Observamos que 80% (12) dos entrevistados participam ou já participaram das atividades em comunidade, ao passo que 20% (3) não participam. O número de pessoas que participou ou participa ativamente da vida na comunidade engloba todos os entrevistados da categoria *alunos e pais e/ou responsáveis* e ainda dois entrevistados da categoria *professor*. O percentual de pessoas que não participam das atividades na comunidade é pertencente à categoria *professores*, os quais, em sua maioria, residem na zona urbana do município e geralmente são admitidos em caráter temporário, o que dificulta a criação de laços com a comunidade. Entre as atividades mencionadas estavam os cultos religiosos na Igreja Católica, os grupos de mães, jovens e idosos, as festas e promoções realizadas no centro de eventos comunitário e as competições esportivas, bastante expressivas na comunidade.

De acordo com a definição proposta por Reigota (2007, p.14) sobre a percepção ambiental “os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação”, para além de um olhar simplesmente naturalista. Os elementos presentes aqui, como faixa etária, escolaridade e o grau de envolvimento dos participantes em atividades que proporcionam a troca de experiências e vivências entre e/ou com os moradores da comunidade, e suas consequentes construções sociais ou culturais, como exposto adiante, influenciam na forma com que estes percebem o meio ao seu redor e o termo Faxinal.

A fim de investigar o grau de conhecimento sobre a sua história, fizemos a seguinte pergunta aos entrevistados da categoria *Pais e/ou responsáveis*: *saberia contar um pouco da história da comunidade? De onde vieram as famílias?* Com esse questionamento, buscamos juntar elementos que falassem a respeito do processo histórico da colonização da localidade e sua relação com o termo Faxinal. Nesses relatos, percebemos que o conhecimento histórico provém da memória e dos relatos orais, da preservação dos costumes familiares e, ainda, do convívio entre os pares e os laços de consanguinidade e/ou compadrio entre os moradores. Também, constatamos que esse conhecimento é corroborado por uma pesquisa documental, realizada por alguns moradores, que resultou na elaboração de um livro sobre a história da localidade, no advento da comemoração do centenário de fundação da comunidade (Munarini *et al.*, 2021).

Os trechos a seguir evidenciam informações relatadas pelos entrevistados sobre Alípio José da Rosa, que, por volta do ano de 1918, após a fundação política e administrativa do município de Chapecó (no ano de 1917), iniciou as buscas por novas áreas de terras, a fim de mudar-se do local que viria a se tornar a zona urbana do município. O fator que motivou a saída do Sr. Alípio, segundo os entrevistados, foi o traçado das novas vias no povoado, o qual iria impactar na criação de seus animais.

*O falecido vovô eu não me lembro de que lado que ele veio, mas sei que ele estava em Chapecó (PR1, 2021).*

*A primeira família que veio foi a do finado tio Alípio, que abriu os mato (PR2, 2021).*

*O vovô trabalhava muito com os animais, porco, gado, cavalo, burro, ele amansava e iam entregar lá em Guarapuava essas tropa de mula, burro, tudo junto assim. E ouvia ele falar que não dava mais pra ficar lá naquele lugar, [em Chapecó] porque tava ficando muito cercado [devido à abertura e traçado das vias urbanas] (PR3, 2020).*

*Sim, a do meu vovô, ele tinha os irmãos dele que ficaram por perto, dos mais antigos era esses (PR4, 2021).*

*O meu avô dizia: Ih agora aqui [Chapecó] vai cresce, isso aqui vai vira cidade e eu vou ter que tira meus animais daqui, e eu não vo mais fica aqui, foi essa a determinação dele de pegar a família e vir embora [para o Faxinal dos Rosas] (PR5, 2021).*

Os relatos continuam, cada qual com a riqueza de detalhes subjetiva de cada entrevistado, até meados de 1918, onde Alípio José da Rosa encontra uma terra ideal para construir a sua casa e fixar residência com a família:

*[...] aí diz que ele [Sr. Alípio José da Rosa] montou num cavalo - essa história que a mãe contava, pegou um facão e veio pra bando do Faxinal e diz que chegou aqui e enxergou uma faixa no meio do mato, tipo assim, um clarão, assim. [...]e tinha uma fonte de água, um lugar bonito assim, que dava pra fazer a moradia, aí ele voltou pra casa e disse pra eles: ó eu achei um faxinal, que vai dar pra nós fazer a nossa moradia, tem uma aguada muito boa (PR5, 2021).*

Quando os moradores citam os motivos, datas e detalhes da saída do Sr. Alípio da região onde hoje encontra-se a sede do município de Chapecó, tratam-se de narrativas, das memórias e conhecimentos de cada sujeito; trata-se da História Oral, com sua singularidade e importância, sem a necessidade, nesse caso, de coincidir ou refletir a História Oficial, aquela documentada (Portelli, 1997). Ao questionar sobre as histórias da comunidade, no plural, no intuito de valorizar informações, versões e pontos de vista abordados pelos entrevistados, é que entramos diretamente no tema desta pesquisa, que é a percepção da comunidade sobre o termo Faxinal, uma vez que este está presente na toponímia da localidade.

A pergunta: *você sabe por que a comunidade se chama Faxinal dos Rosas?*, foi aplicada a todos os entrevistados com a finalidade de entender como a comunidade escolar percebe e atribui significado ao termo Faxinal. A partir das respostas obtidas, agrupamos os conceitos atribuídos ao termo Faxinal em três diferentes categorias, sendo elas: característica vegetal, modo de vida da população e local de residência (Quadro 1).



**Quadro 1** - Conceitos atribuídos pelos entrevistados ao termo Faxinal.

<b>ID</b>	<b>CARACTERÍSTICA VEGETAL</b>	<b>MODO DE VIDA</b>	<b>LOCAL DE RESIDÊNCIA</b>
<b>AL1</b>	Quando o pessoal veio, as famílias chegaram e era um mato muito fechado, mas no meio tinha uma fachada sem árvore nenhuma no centro, no Faxinal.	E o segundo, significado é porque as comunidades antigamente não eram chamadas de comunidade né, eram Faxinal, onde tinham várias famílias morando né, e eles chamavam de Faxinal.	
<b>AL2</b>	Uma fachada muito grande, um aberto, tipo uma fachada que tinha, aí, ele veio morar aqui porque não tinha nenhum morador e foi construir a casa dele nesse aberto.		
<b>AL3</b>	Uma clareira, um espaço aberto no mato.		
<b>AL4</b>			Lembra minha casa família e amigos
<b>AL5</b>	Uma fachada de rosas e o seu Alípio quando chegou, pôs o nome de faxinal que vem de fachada.		
<b>PS1</b>		Faxinal, imagino que seja por conta do campo e da criação de animais juntos.	
<b>PS2</b>	Falavam que haviam muitas rosas ali.		
<b>PS3</b>		Identidade daqui, relação com o lugar, um lugar com plantação, cultura camponesa.	
<b>PS4</b>			A palavra faxinal significa uma porção de terra, né.
<b>PS5</b>	Faxinal tem alguma coisa a ver com o relevo, com a parte ambiental, [...]. Não vou lembrar ao certo, mas tem a ver com a questão de Biologia e Geografia.		
<b>PR1</b>	Por causa da campina que tinha, era lá perto do cemitério, nós ia comer araquá, cambuim.		

<b>PR2</b>	Aqui era um lugar mais aberto, mas não tinha roça. Um lugar que não tem árvore, tinha gramado aqui, Faxinal era gramado... Faxinal... Lá no Cascavel também... Ali era Faxinal também...		
<b>PR3</b>	É uma faixa como uma faixa de lugar aberto sem mato.		
<b>PR4</b>	Uma área aberta no mato...		
<b>PR5</b>	Uma fachada no meio do mato, tipo assim, um clarão, assim...	A forma de faxinal mesmo, sabe, dessa questão dos animais solto, cada um pegava o animal que queria pra se alimentar quando queria um porco gordo, não tinha muito dono das coisas...	

**Fonte:** Elaborado pelos autores, 2022.

Cabe ressaltar que essas categorias não são as mesmas propostas pela literatura, sendo elaboradas a partir da percepção da comunidade e a variedade de significados atribuídos ao termo Faxinal.

Ao olhar para o termo Faxinal, 60% dos entrevistados (AL2, AL3, AL5, PS2, PS5 e PR1, PR2, PR3, PR4) atribuíram um significado que corresponde às características vegetais da localidade no tempo da colonização, citando a presença de uma área aberta em meio à mata fechada, com predominância de

*[...] taquara, barba-de-bode, douradinho e outros tipos de capinzal, sem árvore grande” (PR5, 2021).*

*[...] cheio de pinheiro em volta (PR1, 2021).*

Em relação à baixa qualidade do solo na área do Faxinal, um morador cita que

*[...] ponharam Faxinal, porque era Faxinal né, [...] e onde tem uma terra boa, é outro nome (PR2, 2020).*

Todos os relatos estão em consonância com a descrição de Floresta de Faxinal – inclusive a característica do solo, presente tanto no Mapa Fitogeográfico do Estado de Santa Catarina (Klein, 1978) quanto no Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina (Vibrans *et al.*, 2013), os quais a descrevem como uma “vegetação menos desenvolvida, entremeada de taquarais e carazais, alternando com campos de gramíneas grossas e consequentemente indicam solos de pouca fertilidade, impróprios para a cultura” (Klein, 1978, p.14).

Por outro lado, 13,33% dos entrevistados (PS1 e PS3) atribuíram ao termo a designação para o modo de vida da população cabocla, citando elementos como: (I) a divisão em terras de criar e terras de plantar; (II) a criação de animais a solta em uma área de uso comum e (III) a relação do termo com aspectos da identidade cultural da localidade, conforme o que já foi descrito por Yu Man, (1988), Gubert (1987) e Renk (2006a). Importante destacar que essas respostas partiram de professores admitidos em caráter temporário, os quais atuaram pelo curto período de um ano, com ensino de forma remota, e sem contato efetivo com a comunidade antes

da entrevista. Outros 13,33% (AL4 e PS4), definiram o termo como sendo o seu local de residência, a comunidade Faxinal dos Rosas, sem relacionar o termo com algum conceito científico ou literário, mostrando que a sua percepção sobre o termo faxinal possui caráter empírico. Vale destacar que 13,33% dos participantes (AL1 e PR5) atribuíram dois significados ao termo: o de característica vegetal e de modo de vida, mostrando domínio sobre a história da localidade e conceitos encontrados na literatura, bem como estabelecem uma conectividade do termo com o meio ambiente.

O que nos chama atenção, nessa questão, é a forma como os entrevistados descrevem o modo de vida na comunidade, antes da chegada das Companhias Colonizadoras<sup>1</sup>, ou seja, final do século XIX e princípios do XX, fornecendo elementos sobre a criação dos animais e o cultivo da lavoura. Essas características permitem aventar a hipótese da presença do Sistema Faxinal também aqui na região oeste de Santa Catarina, nos moldes daquele sistema descrito por Yu Man (1988) para o centro sul do Paraná:

*Os animais eram solto. Derrubavam árvores e cortavam em lasca pra fazer os mangueirão. Cada um tinha a sua parte (PR1, 2021).*

*A terra de plantação era longe de casa, eles diziam lá no rocil. Do vô era lá no Sarapião. Eles faziam acampamento e ficavam pra lá (PR4, 2021).*

*Não tinham o costume de fazer fechado em chiqueiros ou fechadinhos. Eles chamavam na época as invernadas, que era um espaço aonde eles soltavam os animais e os animais iam para as invernadas [...]. Eram espaços grandes (PR4, 2021).*

*A forma de faxinal mesmo, sabe, dessa questão dos animais solto (PR5, 2021).*

*E então era bem sofrido pra ele trazer do mato e depois quando ele mudou, pnhou as criação mais ao redor da casa, com esses cercados, mangueirão... daí foi facilitando. Daí os rocil podiam ser longe, mas não precisavam ser cercados (PR5, 2021).*

A presença de elementos como o *rocil* – uma área de terra localizada distante de casa, dedicado ao cultivo de produtos como o *milho*, *abóbora* e *feijão* e a terra de criar ou invernadas – de uso comum, onde eram soltos os animais de diversas famílias, aproximam esse modo de vida ao conceito da *roça cabocla* proposto por Renk (2006b, p. 97), como “uma prática costumeira dividindo as terras em terras de plantar e terras de criar” e também do conceito de Sistema Faxinal proposto por Yu Man (1988, p.13), como sendo “um tipo de organização social onde há um aproveitamento econômico integrado da mata às áreas circunvizinhas, seja na exploração dos recursos naturais e/ou na criação de animais como o porco”.

Em relação à prática docente, quando perguntado aos professores: *você acha importante estudar aspectos da biodiversidade local com os alunos?*, 100% dos respondentes consideraram de suma importância, ao executar o planejamento anual, partir dos aspectos locais, entre eles a biodiversidade regional, a fim de que os alunos conheçam o lugar em que vivem e construam sua narrativa de identidade socioambiental, ao passo que “no cenário da globalização, o biorregionalismo é uma tentativa, entre tantas outras possibilidades, de construir identidades fora dos centros hegemônicos” (Sato, 2005, p. 4). Todavia, mesmo que todos considerassem importante aplicar uma abordagem biorregional, quando questionados sobre a aplicabilidade dessa abordagem, a porcentagem de quem realmente seguiu essa ideia diminui, conforme apresenta o Quadro 2.

**Quadro 2** - Abordagem de aspectos biorregionais relacionados à comunidade dentro da prática docente e dos conteúdos programáticos.

<b>Foram trabalhados dentro dos conteúdos, aspectos biorregionais da comunidade com os alunos?</b>			
<b>ID</b>	<b>Disciplina</b>	<b>Sim/Não</b>	<b>Por que?/O Que?</b>
<b>PS1</b>	Ciências	Não	Nada, pois cheguei na escola dia 12 ou 18 de fevereiro e tivemos poucas aulas e na parte do <i>Classroom</i> não trabalhei isso.
<b>PS2</b>	Geografia	Sim	Neste ano não, mas em outros anos, fizemos até um teatro com eles, dos 100 anos da comunidade.
<b>PS3</b>	História	Não	Não utilizei o Faxinal como um objeto de estudo.
<b>PS4</b>	Ed. Física	Sim	O que a gente sempre trabalhava [antes da pandemia] era a questão das brincadeiras, então eles trazem de casa quais eram as brincadeiras que a vó, o vó, pessoal antigo fazia pra gente reproduzir.
<b>PS5</b>	História	Sim	Lembro-me do projeto dos 100 anos da comunidade, onde eu trabalhei a questão da família Rosa, da imigração que aconteceu ali. Trabalhei [...] algumas árvores nativas dali, da própria parte que se referia às questões deles, como animais, o modo de vida deles atual.

**Fonte:** Elaborado pelos autores, 2022.

Podemos observar que 40% (PS1 e PS3) dos professores entrevistados declararam não ter conseguido trabalhar aspectos biorregionais com os alunos e os motivos alegados foram a interrupção das aulas presenciais em 2020, devido à pandemia SARS-CoV-2, onde a elaboração e execução de projetos multidisciplinares de Educação Ambiental, por exemplo, ficaram prejudicadas, e o enfoque dado ao conteúdo teve um caráter mais globalizado, sem utilizar a comunidade como *objeto de estudo*. Outros 60% (PS2, PS4 e PS5), relataram ter trabalhado de forma interdisciplinar em momentos anteriores à pandemia, projetos pedagógicos específicos sobre a comunidade, abordando aspectos como o modo de vida caboclo, a colonização, a flora e fauna nativa, transformações da paisagem, responsabilidade socioambiental e cultura imaterial com enfoque nas brincadeiras antigas, preconizando o que diz a Base Nacional Comum Curricular sobre “identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes grupos” (Brasil, 2018, p. 572).

Buscando evidenciar os reflexos do Ensino de Ciências e também da própria prática docente de maneira multidisciplinar na Educação Ambiental, bem como a possível existência de uma abordagem biorregional, questionamos os alunos sobre: *o que você sabe sobre os animais e árvores presentes na comunidade? Quem te ensinou?* Os alunos foram contundentes em suas respostas, na medida em que 100% dos entrevistados afirmaram conhecer algum tipo de animal ou planta nativos da região.

*Tinha onça quando começou a comunidade e depois foi diminuindo até não ser mais visto. De árvores tinha araucária, né, tinha bastante, muito pinheiro. [...] Ah, tinha guabioba, bergamota... (AL1, 2020).*

*Quando o vô vai na roça, no mato, colher jabuticaba, ele sempre fala, olha aquele é um pé de canela, aquele de outra coisa. Já vi jaguatirica, já vi pegadas de onça, árvores a canela, várias árvores nativas, pinheiros, tudo...* (AL2, 2021).

*Dos animais, aprendemos sobre os que estão em risco de extinção e também os mais comuns como macaco, tatu, ouriço. Das plantas conheço eucalipto* (AL4, 2021).

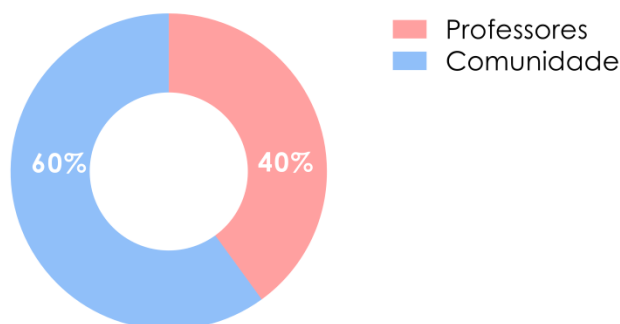
Os elementos mais citados da flora foram as palmeiras, espécies lenhosas como canela, cedro, araucária e eucalipto e as frutíferas como *jabuticaba*, *guavirova*, *cereja*, *pitanga* e *vergamota*. Em relação à fauna, foram citados a jaguatirica, lebre, cobra, lagarto, tatu, ouriço, macaco e preá. Também citaram a presença do elemento *onça* (AL1, AL2 e AL3) porém, nesse caso, não se trata da onça-pintada (*Panthera onca*) e sim do leão-baio (*Puma concolor*), endêmico da região e bastante relatado no imaginário caboclo como um animal que apresentava perigo em meio à mata.

A partir dos relatos, depreendemos que os conhecimentos sobre tais elementos são básicos e a grande maioria não apresenta uma base científica ou conhecimentos mais aprofundados, são frutos de experiências cotidianas. Elementos como a *vergamota* (AL1) *galinha*, *vaca*, *porco* (AL3) e o *eucalipto* (AL4), evidenciam uma visão antropocêntrica sobre o meio (Reigota, 2007) uma vez que esses elementos representam espécies exóticas e de importância alimentícia e econômica para o homem.

Quando os alunos foram questionados sobre a fonte desses conhecimentos, percebemos uma variação curiosa, 40% (2) dos entrevistados afirmaram ter aprendido com os professores em sala de aula e 60% (3) afirmaram ter aprendido com familiares, nesse caso, pertencentes à categoria *comunidade* (Figura 4).

**Figura 4** - Origem do conhecimento dos alunos da EBM Alípio José da Rosa sobre a biodiversidade.

#### Quem te ensinou sobre a biodiversidade da Comunidade?



**Fonte:** Elaborada pelos autores, 2022.

Os relatos abaixo transcritos evidenciam a participação da comunidade no processo de aprendizagem sobre o meio. Embora o espaço escolar seja importante na construção da identidade socioambiental dos indivíduos, é no espaço informal em que ocorre a experiência com o meio, a qual contribui nessa construção e no modo como os indivíduos percebem o ambiente à sua volta (Reigota, 2007).

*[aprendi] mais o que os moradores contam, que viram...* (AL1, 2020),

*Aprendi com meus avós.* (AL2, 2021)

[...] *quando o vô vai na roça, no mato, colher jabuticaba, ele sempre fala, olha aquele é [...]* (AL2, 2021).

O ato de perceber o meio ambiente à sua volta instiga o ato de conservá-lo. É nesse processo que a comunidade se torna protagonista, ao proporcionar com que os alunos conheçam, interpretem, valorizem e conservem, sentindo-se parte integrante do meio (Sato, 2005).

#### 4 Considerações finais

Foi desafiador o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em vista que sua realização ocorreu durante a pandemia, desenvolvida sob condições bem adversas. Considerando que a amostra utilizada neste trabalho abrange um grupo específico, que é a comunidade escolar da localidade de Faxinal dos Rosas, e que nesta encontram-se indivíduos de uma população tradicional, da zona rural e de acesso limitado, lançamos mão do método *Snowball* para coleta de entrevistas, o qual possibilitou o acesso e a receptividade dos entrevistados, uma vez que os mesmos eram consultados e informados previamente por membros da própria comunidade sobre a realização da pesquisa e da visita dos entrevistadores.

Sobre os dados, percebemos que à medida em que aumenta a faixa etária e o grau de contato dos entrevistados com os membros e a vida em comunidade no Faxinal dos Rosas, maior é a precisão de sua percepção sobre o termo Faxinal, comparadas às definições presentes na literatura. Entrevistados que convivem em comunidade descreveram o significado do termo Faxinal atrelado à formação florestal e ao modo de vida da população, enquanto aqueles que não possuem contato com a comunidade encontraram maiores dificuldades em atribuir significado ao termo. Embora não tenha sido o foco principal desta pesquisa, os relatos obtidos nos fornecem subsídios para pensar a presença de um fragmento de Floresta Faxinal na região e aventar a organização dos caboclos, antigos moradores da área em torno do Sistema Faxinal, os quais foram fortemente pressionados até sua total desagregação, pela ação das companhias colonizadoras<sup>6</sup> a partir de 1918.

Sobre o papel da escola e da comunidade nas práticas de Educação Ambiental, percebemos que há um entendimento entre os docentes sobre a necessidade de imprimir em sua práxis um olhar biorregional, porém, ao analisar a prática docente interdisciplinar em Educação Ambiental, bem como o Ensino de Ciências, Geografia, História e Educação Física ainda percebemos defasagens na aplicação dessa abordagem, principalmente no que tange aos professores admitidos em caráter temporário, os quais, devido à grande rotatividade, não possuem tempo suficiente para criar os vínculos necessários com o local de trabalho e sua história. A comunidade, por sua vez, exerce um importante papel na construção do sujeito ecológico sendo que, nesse caso, é ela quem proporciona o (re)conhecimento dos alunos sobre os elementos biorregionais.

A pesquisa foi realizada no âmbito de uma comunidade da região Oeste de Santa Catarina e abre precedentes para investigação em outras localidades do estado para verificar a hipótese da organização dos povos tradicionais em torno do Sistema Faxinal, verificar a presença de Floresta Faxinal e avaliar os métodos e as abordagens dados às práticas da Educação Ambiental tanto na escola como em espaços não formais de ensino.

---

<sup>6</sup> As empresas colonizadoras eram encarregadas de promover a colonização do oeste catarinense, onde retalhavam as terras e vendiam em pequenas glebas de 24 hectares, a chamada colônia. A chegada dos colonizadores provoca o aumento e o intenso uso do solo para a exploração e produção agrícola, que somado à inserção de novos mecanismos tecnológicos, desencadeiam uma série de transformações na paisagem regional (Salini, 2018, p. 60). A empresa colonizadora Ernesto Francisco Bertaso iniciou suas atividades no município de Chapecó em 1918, e foi a empresa responsável por colonizar as terras do município de Chapecó, SC.

## Referências

- BARRETO, M. *Territorialização e Tradicionalização*: refletindo sobre a construção da identidade faxinalense no Paraná. 2013. 225 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BASQUERA, C. *Os colonos do papel*: Trabalhadores pluriativos no oeste de Santa Catarina: O Caso de Faxinal dos Guedes-1990-2006. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.
- BAVARESCO, P. R. A história econômica do oeste catarinense. In: CARBONERA, M.; ONGHERO, A. L.; RENK, A.; SALINI, A. M. (org.). *Chapecó 100 anos*: histórias plurais. Chapecó: Argos, 2017. p. 281-313.
- BEN, F.; RAFAEL, M.; ARGENTA, D. *Pitanga Rosa*: sabedoria tradicional aplicada ao cultivo e processamento de plantas medicinais no oeste catarinense. Formosa do Sul: Museu de Formosa do Sul, 2016.
- BOFF, L. O Biorregionalismo como alternativa ecológica. *Congresso em foco*, Brasília, 10 de dezembro de 2015. Seção Opinião. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniaocolumnas/o-biorregionalismo-como-alternativa-ecologica/>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. *Lei nº 9.795*, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm). Acesso em: 27 maio 2020.
- CHAPECÓ. Município. *Arquivo Documental da Empresa Colonizadora Ernesto Bertaso*. Memorial descritivo 1940. Chapecó: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, 1993a.
- CHAPECÓ. Município. *Decreto 3.202*, de 9 de agosto de 1993. Dispõe sobre o tombamento de arquivo documental e dá outras providências. Chapecó: Prefeitura Municipal, 1993b. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/c/chapeco/decreto/1993/320/3202/decreto-n-3202-1993-dispoe-sobre-o-tombamento-de-arquivo-documental-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- DICKMANN, I. Percepção Ambiental e Leitura de Mundo: Uma abordagem Freireana In: VENDRUSCOLO, G.; CONFORTIN, A. C.; DICKMANN, I. (org.). *Percepção de Meio Ambiente: o que pensam as pessoas sobre o seu entorno?* São Paulo: Ação Cultural, 2016. p. 11-23.
- GONZALEZ, S. Educação Ambiental biorregional: a comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória (ES). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3., 2010, São Paulo. *Anais...* Campinas: Associação Brasileira de Educadores Sociais, 2010. p. 1-14. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n3/n3a25.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- GUBERT, F. A. F. O faxinal – Estudo preliminar. *Revista de Direito Agrário e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 32-40, 1987.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo Brasileiro de 1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo Brasileiro de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Índice de nomes geográficos*. Brasília: IBGE, 2011.

KLEIN, R. M. Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina. In: REITZ, R. (ed.). *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978.

MUNARINI, A. E.; KILIAN MUNARINI, C. da R.; KILIAN, J.; LAVALL, T. P.; FOSSÁ, A. de S.; MUNARINI, P. R.; DE CARLI, A. R. *Faxinal dos Rosas: 100 anos vivendo em comunidade*. Chapecó: Saluz, 2021.

PORTELLI, A. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. São Paulo: EDUC, 1997. Projeto História. v. 15.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RENK, A. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, [s.v.], n. 23, p. 37-71, 2006a.

RENK, A. *A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006b.

SALINI, A. M. *Colonização e meio ambiente: a transformação da paisagem do oeste catarinense (1930 a 1970)*. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

SATO, M. A educação ambiental tecida pelas teorias biorregionais. In: FERRARO, L. (org.) *Encontros e caminhos - Formação de educadores(as) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005. p. 35-46.

SILVA, C. M. da; BRANDT, M.; MORETTO, S. P. Transformando a paisagem: uma história ambiental de Chapecó. In: CARBONERA, M.; ONGHERO, A. L.; RENK, A.; SALINI, A. M. (org.). *Chapecó 100 anos: histórias plurais*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2018. p. 181-214.

SILVA-BATISTA, I. C. da; MORAES, R. R. História do ensino de Ciências na Educação Básica no Brasil (do Império até os dias atuais). *Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 26, p. 1-3, out. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/26/historia-do-ensino-de-ciencias-na-educacao-basica-no-brasil-do-imperio-ate-os-dias-atuais>. Acesso em: 6 dez. 2023.

TEIXEIRA, B. de B. Comunidade escolar. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. CDROM.

VIBRANS, A.; SEVEGNANI, L.; GASPER, A. L. de; LINGNER, D. *Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina*. Blumenau: Edifurb, 2013. Coleção Floresta Ombrófila Mista. v. 3.

WORLD HEALTH ASSOCIATION – WHA. Division of Mental Health. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: WHA, 1994.

YU MAN, C. *Faxinais no Paraná: Uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná* - Londrina: IAPAR, 1988.



### **Anexo 1 - Fontes Orais - Entrevistas**

AL1. Entrevista concedida a MTS. 29 dez. 2020.

AL2. Entrevista concedida a MTS. 2 jan. 2021.

AL3. Entrevista concedida a MTS. 3 jan. 2021.

AL4. Entrevista concedida a MTS. 5 jan. 2021.

AL5. Entrevista concedida a MTS. 2 jan. 2021.

PR1. Entrevista concedida a MTS. 4 jan. 2021.

PR2. Entrevista concedida a MTS. 10 jan. 2021.

PR3. Entrevista concedida a MTS. 29 dez. 2020.

PR4. Entrevista concedida a MTS. 14 jan. 2021.

PR5. Entrevista concedida a MTS. 13 jan. 2021.

PS1. Entrevista concedida a MTS. 2 jan. 2021.

PS2. Entrevista concedida a MTS. 10 jan. 2021.

PS3. Entrevista concedida a MTS. 28 dez. 2020.

PS4. Entrevista concedida a MTS. 5 jan. 2021.

PS5. Entrevista concedida a MTS. 15 jan. 2021.